

O transbordamento das línguas na Babel domesticada: uma leitura de três romances de Sergio Kokis

Prof. Dr. Renato Venâncio Henriques de Sousa(UERJ)¹

Resumo:

*No contexto da escrita migrante do Quebec, os romances *Le pavillon des miroirs* (1994), *Negão et Doralice* (1995) e *Errances* (1996), de Sergio Kokis, escritor de origem brasileira, lançam mão de processos de negociação identitária no cruzamento de línguas e de culturas diversas. Tendo em vista uma série de reflexões de teóricos e tradutores, nosso trabalho estuda as implicações da escrita em língua estrangeira que, como se pode perceber nos romances em tela, promove descentramentos e desterritorializações tanto no que concerne à língua e à cultura, quanto ao imaginário do público ao qual se destinam. Tais obras, a exemplo do que ocorre com inúmeros textos da chamada pós-modernidade, principalmente no Quebec, se inscrevem no contexto de uma “poética da tradução” (SIMON, 1994).*

Palavras-chave: escrita migrante do Quebec, escrita em língua estrangeira, tradução

Introdução

A expressão “Babel domesticada”, que utilizamos no título de nossa comunicação, remete ao ensaio de Lise Gauvin *L’écrivain francophone à la croisée des langues*, no qual se alude à “super-consciência lingüística” do escritor francófono, cuja criação se dá no confronto entre línguas e usos lingüísticos diversos, remetendo ao ambiente multicultural e com frequência plurilíngüe no qual vive. Desta forma, ele desenvolve uma sensibilidade aguda em relação à língua, transformada num laboratório de experimentações que ecoam em textos “abertos ao tremor da língua e à vertigem polissêmica”, nos quais “delineia-se a utopia de uma Babel domesticada” (GAUVIN, 1997, p. 11).

Sergio Kokis pode ser um ilustre desconhecido entre nós, mas é o único autor de origem brasileira que obteve reconhecimento junto ao público e à crítica do Canadá francês, a ponto de ser considerado o “brasileiro” da escrita migrante do Quebec. O termo “escrita migrante”, criado por Robert Berrouët-Oriol nos anos oitenta, caracteriza a produção dos escritores imigrantes radicados na província francófona de Quebec e que utilizam o francês em suas obras. Os três primeiros romances de Kokis, *Le pavillon des miroirs* (1994), *Negão et Doralice* (1995) e *Errances* (1996), que constituem o *corpus* de nossa pesquisa, têm o Brasil, parcial ou totalmente, como cenário. Uma vez que ele retrata, em diversos momentos, a realidade de seu país de origem, ainda que através de convenções e “traduções” em sentido amplo, tornam-se evidente para nós as vantagens de se trabalhar com um autor pertencente ao mesmo universo lingüístico e cultural.

Ao abordarmos os textos de Sergio Kokis, encontramos-nos, de partida, diante de uma situação que se afigura complexa do ponto de vista de sua inscrição no campo de uma dada literatura. Considerando seus três primeiros romances, somos levados a repensar certas noções que se cristalizaram a partir do nascimento das literaturas ditas nacionais, escritas numa língua percebida como veículo da identidade de um dado povo. Língua esta que se construiu na ruptura com usos não oficiais, regionais, dialetais ou ainda em detrimento de outras línguas, geralmente, minoritárias.

O plurilingüismo na literatura é, talvez, um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição literária. Não foram poucos os autores que transitaram entre várias línguas e culturas, tendo deixado uma obra que parece oscilar entre mais de uma literatura. O *corpus* kokisiano que nos ocupa, instaura, por sua natureza híbrida, novos contratos de leitura, jogando, em inúmeras ocasiões, especialmente em *Le pavillon des miroirs*, com uma visada autobiográfica, que mistura dados ficcionais com fatos conhecidos da vida do autor. Ao falar do Brasil, Kokis por vezes se esforça em “traduzir” a cultura e mesmo a língua do país de origem para o seu destinatário: o leitor quebequense/franco-canadense, e, num espectro mais amplo, o leitor francófono. Em certos momentos, o autor tenta diminuir a distância que separa o universo retratado no livro do leitor de língua francesa, ao mesmo tempo em que multiplica as referências históricas, culturais e lingüísticas desconhecidas para o “leitor não-iniciado”. Em outros, no entanto, ele opta por não explicitar o sentido de vocábulos e nomes próprios contendo alusões que estão longe de serem percebidas pelo leitor. Em alguns casos, encontramos expressões farsescas ou licenciosas, que acentuam ainda mais os diversos graus de opacidade do texto. Tal escrita cria um efeito que poderíamos qualificar de “estrábico”, uma vez que dirige seu foco para o leitor francófono, enquanto as referências estrangeiras desfilam pelos cantos, sendo captadas pela visão periférica. Ao falar da realidade brasileira num romance escrito em francês, Kokis vai provocar uma desterritorialização da língua, posto que o leitor francófono não está familiarizado com as realidades referidas muito menos com certas palavras e expressões de origem portuguesa utilizadas pelo autor em seus textos.

A presença de autores de origem estrangeira traz para a literatura quebequense uma constelação de materiais ficcionais, referências históricas e culturais, além de imaginários desconhecidos, enquanto provoca minúsculos abalos sísmicos na língua identitária. Os “efeitos de tradução” que caracterizam os textos híbridos da escrita migrante, resultantes da situação fronteiriça em que se encontra o escritor, aproximam o trabalho de criação literária da atividade tradutória. A produção dos escritores migrantes do Quebec tem demonstrado ser um terreno privilegiado para estes efeitos estéticos obtidos a partir do contato entre línguas e culturas diferentes.

1 Escrita em língua estrangeira e tradução

A pesquisadora canadense Sherry Simon aborda em *Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature québécoise* (1994), entre outras coisas, a questão da tradução como tema privilegiado da literatura quebequense contemporânea. Ao trabalhar o imaginário dos autores de ambas as línguas oficiais do país, fecundando-lhes as obras de modo recorrente, a tradução aparece como um *leitmotif* privilegiado, particularmente entre os autores da chamada escrita migrante. Daí poder-se falar numa “poética da tradução”, definida pela autora nos seguintes termos:

Trata-se de um procedimento de criação interlingüístico que resulta na manifestação de “efeitos de tradução” no texto, de elementos de interferência que criam uma certa abertura ou “fraqueza” no plano do domínio lingüístico e do tecido de referências às quais o texto se liga.[...]

A poética da tradução utiliza, pois, a relação com a língua estrangeira para alimentar a criação, desenvolvendo-se neste espaço fronteiriço no qual criação e transferência, originalidade e imitação, autoridade e submissão se confundem (Simon, 1994, p. 19-20).

O tradutor e crítico francês Henri Meschonnic prefere falar em “poética do traduzir”, ao invés de “tradutologia”, por duas razões. Em primeiro lugar, ele insiste no fato de que “a poética implica a literatura”, opondo-se, deste modo, à visão das teorias atuais de base lingüística, que tendem a pensar a linguagem em termos descritivos, por meio de uma visada empirista que acaba isolando-a do fenômeno literário. Em segundo lugar, escreve ele,

a poética [...] permite situar a tradução numa teoria de conjunto do sujeito e do social, suposta e empregada pela literatura e que cabe à poética reconhecer. Daí que a poética, estudo das obras literárias, torna-se, por esta razão, permanecendo ou, antes, tornando-se o que ela é, uma poética do sujeito, uma poética da sociedade. Uma solidariedade do poema, da ética, da história. A poética da tradução faz, aí, o estudo do traduzir, na sua história, como exercício da alteridade, além de pôr à prova a lógica da identidade. Reconhecimento de que o advento da identidade só sucede pela alteridade. [...] (Meschonnic, 1999, p. 61-62).

Atuando como um dos diversos mecanismos do repertório das figuras pós-modernas da repetição, mecanismos que põem em movimento uma série de procedimentos de reciclagem de produtos culturais de “segunda mão” nos quais se coloca a problemática e, no limite, impossível relação com a origem (e a originalidade), a tradução convoca um conjunto de saberes e técnicas que produzem novas leituras a partir de fontes conhecidas, sendo, como diz Simon, ao mesmo tempo, “repetição e novidade” (1994, p. 75-76, grifo da autora). Neste contexto, os autores marcados por situações de liminaridade lingüística e/ou cultural, seriam, em princípio, mais sensíveis a uma tal poética tradutória.

Simon busca demonstrar como a “recusa” da tradução, no interior das literaturas nacionais, baseia-se numa noção fechada de cultura. A partir do momento em que esta última é vista como “um jogo de diferenças”, pode-se “conceber a passagem lingüística e cultural como um elemento essencial de criação coletiva, portanto, da identidade coletiva” (1994, p. 47). A ensaísta se interessa, pois, em compreender e analisar os desafios colocados pelo que ela chama de “literatura das fronteiras”. Segundo ela,

é na literatura que surge nas fronteiras das identidades nacionais que a “contribuição” da tradução se manifesta de modo particularmente transparente. As narrativas da imigração e do exílio, as obras que relatam as experiências de deslocamento e de re-localização próprias ao contexto pós-colonial estão repletas do imaginário de diversas línguas. [...] Com efeito, os questionamentos identitários dos escritores “transfronteiriços” expressam as preocupações comuns a todo projeto de escrita, acentuadas pela aceleração dos fenômenos de cruzamentos no mundo contemporâneo (1994, p. 25).

Escrevendo sobre o processo “inacabado” de tradução presente em diversos textos híbridos, Simon diz o seguinte:

Como dar conta destas realidades plurais? Como classificar um texto cujas marcas lingüísticos-culturais são incertas? Pode-se traduzir um texto tornando visível seu pertencimento a vários códigos lingüísticos? Quando o texto faz referência a uma multiplicidade de códigos, falaremos de *um processo “inacabado” de tradução*. Esta não logra a totalidade de seu trajeto naturalizante, criando, antes, um espaço

que demonstra a interdependência do aqui e do alhures (1994, p. 28-29, grifo nosso).

A estudiosa aproxima-se aqui da reflexão de Jacques Derrida, que numa passagem de *Torres de Babel* aponta os limites das teorias da tradução no que diz respeito à economia do texto plurilíngüe. Para Derrida, tais teorias “tratam bem freqüentemente das passagens de uma língua a outra e não consideram suficientemente a possibilidade para as línguas, *a mais de duas*, de estarem implicadas em um texto”. Tal como Simon, Derrida faz três perguntas, a saber: “Como traduzir um texto escrito em diversas línguas ao mesmo tempo? Como ‘devolver’ o efeito de pluralidade? E se se traduz para diversas línguas ao mesmo tempo, chamar-se-á a isso traduzir?” (Derrida, 2002, p. 20, grifo do autor). Podemos notar que tanto o processo de tradução “inacabada” de que fala Simon, quanto as interrogações derridianas sobre a tradução do texto plurilíngüe, remetem, igualmente, aos complexos mecanismos que atravessam as línguas enquanto códigos marcados internamente pela reflexibilidade da linguagem humana.

A noção de *double bind* usada por Derrida para expressar uma “decisão impossível” de ser tomada pelo indivíduo diante de duas mensagens conflitantes entre si tem sua origem na Psicanálise. De acordo com Evando Nascimento, o pensador francês “esvazia a expressão de seu conteúdo psicológico, enfatizando apenas seu valor ‘dilemático’, no ponto em que ela impõe uma decisão impossível entre duas solicitações que aparentemente se excluem” (Nascimento, 1999, p. 98). Entendendo que cada língua é atravessada por uma pluralidade de línguas que nela inscrevem sua diferença, Derrida consegue pensar a questão da tradução para além da dicotomia entre dois idiomas e da idéia de pureza lingüística. No contexto da desconstrução, “a tradução é um acontecimento que deflagra a língua, está entre as línguas e faz parte das línguas. O tradutor é aquele que vai transformar e produzir significados, produzir outras *impurezas* na língua para a qual traduz” (Ottoni, 2005, p. 51, grifo do autor).

Evando Nascimento propõe algumas traduções provisórias para o conceito, ele próprio um empréstimo do inglês, que Derrida “enxerta” no francês. São elas: “duplo elo, dupla ligação, dupla obrigação, dois gumes, duplo bando, dupla ereção, dupla banda, dupla borda ou beira” (1999, p. 98). Estas traduções realizam o que o próprio conceito anuncia: desvinculado de seu lastro psicanalítico, ele convoca e *liga* (o verbo *to bind* significa unir, ligar, atar) os diversos sentidos embutidos nas palavras, sentidos esses que são potencializados pelas combinações semânticas nascidas de aproximações e associações motivadas, no interior de um mesmo sistema lingüístico, ou na confluência de várias línguas. A partir das traduções propostas pelo próprio Derrida, a saber, “double contrainte, double bande, double lien, double tranchant” (Nascimento, 1999, p. 98), Nascimento vai realizar o transbordamento de uma língua na outra, graças ao jogo de semelhanças e diferenças que se estabelece entre as palavras. Daí a ocorrência, por exemplo, de “gume”, motivado por “tranchant” e de “ereção”, por “bande”: estes deslizamentos de sentido tornam-se possíveis somente a partir das traduções francesas.

No ensaio intitulado “Tradução recíproca e *double bind*: transbordamento e multiplicidade de línguas” (2005), Paulo Ottoni nota que as traduções que suportam o *double bind* fazem surgir a mistura de línguas que o texto original, mesmo escrito num único idioma, carrega. “Nessas traduções”, escreve ele, “há um jogo de implante e de enxerto entre as línguas que evidencia o fato de que há línguas, há uma permissão para que as línguas se misturem como já estão misturadas num único sistema lingüístico” (2005, p. 63). Partindo da análise de excertos de textos que encenam a multiplicidade dos códigos lingüísticos, como *Finnegans Wake*, de James Joyce, o ensaio intitulado *Glas*, de Jacques Derrida, e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, Ottoni os confronta com as traduções, respectivamente, portuguesa, inglesa e alemã. Nelas, ressalta-se o movimento da tradução recíproca, que permite ao tradutor interferir no original a partir do paradoxo do *double bind*, que oscilando entre o traduzível e o intraduzível, permite fazer refluir as fronteiras imaginárias entre as línguas.

No último parágrafo da Introdução de seu instigante ensaio, Sherry Simon explicita sua visão do “tráfico das línguas”: a um só tempo *comércio* de bens culturais e lingüísticos clandestinos ou que circulam nos limites da legalidade e *trânsito* de formas de origem estrangeira de um código para outro, irrompendo por entre as fissuras das normas aceitas pelas coletividades culturais. Segundo a autora,

o “tráfico” das línguas toma, pois, a forma de um movimento de idiomas e de idéias, que demonstra a busca contínua de novas fontes de abastecimento intelectual e estético. Inevitavelmente, este comércio irá ultrapassar o campo do lícito e do normativo. *O texto é submetido a manipulações, alterado pela introdução de substâncias estrangeiras que perturbam a sua identidade. Atravessados por tensões entre códigos de valores diversos, entre o vernáculo identitário e a linguagem veicular, entre os códigos cúmplices do grupo e as gramáticas de comunicação globais, estes textos põem em relevo os estados de clivagem internos da cultura. Eles definem a identidade cultural como um processo de negociação sempre em curso.* (1994, p. 33, grifo nosso).

2 A desterritorialização da língua e da cultura no texto kokisiano

Passemos à análise de algumas passagens de nosso *corpus*, nas quais podemos perceber a ocorrência de processos “inacabados” de tradução, no sentido evocado por Simon, que, juntamente com Derrida, aponta para o estatuto liminar do texto híbrido, que vacila entre espaços limítrofes nunca fixados.

Em *Le pavillon des miroirs*, Kokis frequentemente tira partido de sua dupla vinculação lingüística. Pode-se afirmar que há uma constante intenção de se exprimir a partir de uma escrita tradutória, já que escrever equivale a traduzir e a deslocar sentidos que se situam num entre-lugar lingüístico e identitário. No capítulo 9, o jovem narrador relata os preparativos para a primeira comunhão. Ao referir-se às aulas de catecismo, ele fala dos ensinamentos dispensados por um padre italiano e sua ajudante e que solicitam bastante sua memória:

Pour ne pas me tromper ni rien oublier, je répète simplement la liste entière de péchés qu'on m'a fait apprendre par coeur y compris *le péché de la chair*. Parce que dans notre langue on utilise le même mot pour nommer ce péché et la viande, et que mon père insiste pour qu'on ne mange pas de poisson le vendredi, rien que pour montrer qu'il n'aime pas les curés. (1994, p. 96-97, grifo nosso).

Negão et Doralice traz diversas referências aos deuses e práticas dos cultos afro-brasileiros. Na apresentação do personagem de Nega Ofélia, protetora e madrinha de Negão, Kokis lança mão de notas de pé de página e de traduções na tentativa de tornar o texto menos opaco ao leitor de língua francesa. Moradora da Rocinha, “la prêtresse de la macumba” [mãe de santo] preside à cerimônia durante a qual Negão, “le descendant de Xango” [filho de Xangô] é iniciado no candomblé (1995, p. 154 e 156, respectivamente). Nas páginas 154 a 156, há notas explicativas relativas à Rocinha, a Iemanjá, aos Eguns e Orixás, além de Xangô.

A presença de nomes próprios de origem portuguesa, referidos a lugares, pessoas e elementos da cultura brasileira, ao produzirem efeitos de opacidade no texto kokisiano, remete-nos à comple-

xidade das relações entre a onomástica e a tradução. De acordo com uma certa prática tradutória, “o nome próprio seria [...] uma espécie de grau zero da representação cultural, um traço formal que se preservaria como meio de identificação” (Ballard; Palimpsestes, 1998, p. 199) na passagem de uma língua para outra. Assim, antropônimos e topônimos seriam, em princípio, intraduzíveis, uma vez que tenderiam a ser considerados como puros significantes, desprovidos de significação.

O teórico Michel Ballard, tratando da questão da tradução do nome próprio, chama a atenção para o fato de que este último

se distingue do nome comum por sua diferença de extensão. Por sua natureza, o nome próprio serve, em princípio, para designar um *referente único*, que não possui equivalentes. Ora, considerando que a tradução, por natureza, é busca de equivalência, é evidente que há uma contradição teórica entre os termos. Deste ponto de vista, a não-tradução do nome próprio aparenta-se ao processo de empréstimo diante de termos (em geral referentes culturais) cuja contrapartida não existe [na língua de chegada]. O problema será de saber se se pratica uma política de empréstimo ou de explicitação do referente. Esta explicitação faz intervir o sentido do nome próprio [...]. (Ballard, 1998, p. 201-202, grifo do autor).

A partir da noção de equivalência, fundamental em tradução, Ballard propõe a de *negociação*, que seria coextensiva, na tentativa de se opor à tradição de não-tradução do nome próprio. Segundo ele, “contrariamente à opinião de alguns, o nome próprio significa e essa significância aparece claramente no campo dos referentes culturais. O nome próprio torna-se, então, o foco dinâmico de estratégias de transferência do sentido que se opõem ao uso da não-tradução” (Ballard, 1998, p. 219).

Vejam os alguns exemplos de nomes próprios no *corpus* analisado. Em *Le pavillon des miroirs*, há uma interferência do português na designação “le Gros et le Maigre”, (Kokis, 1994, p. 99) como são conhecidos, em nosso país, os personagens Laurel e Hardy. Como assinala Figueiredo, trata-se da “tradução literal dos nomes que eles receberam no Brasil” (Figueiredo; Bertrand, Gauvin, 2003, p. 104). *Negão et Doralice* oferece, provavelmente, o conjunto mais expressivo de patronímicos criados por Kokis. Figueiredo ressalta a opacidade de nomes como “Tanajura”, “Justinha Chochota”, “Gesualdo Piroca” e “Jaco Chapeleta”, entre outros (Figueiredo; Figueiredo & Santos, 1997, p. 61). Notamos que o efeito de comicidade ligado à origem chula dos três sobrenomes citados acima se perde totalmente no texto da língua-cultura de chegada. “Para um leitor brasileiro”, escreve a autora, “está claro o processo de tradução nesses procedimentos, enquanto tudo isso passa totalmente despercebido para o leitor quebequense” (Figueiredo; Porto, 2000, p. 89). Caberia uma última ocorrência, tributária do mesmo registro cômico; trata-se de “l’école de samba Porretas da Baixada” (Kokis, 1995, p. 58), que acumula uma referência cultural (escola de samba), um regionalismo (o adjetivo “porreta”: “palavra-ônibus” designando um amplo espectro de qualidades positivas – leal, bonito, bom – aqui substantivado) e um topônimo (Baixada fluminense).

Vamos nos deter, finalmente, em apenas dois exemplos de patronímicos em *Errances*, colhidos num episódio representativo da “estética da abjeção” tão apreciada pelo autor. Durante o período em que se hospeda num hotel barato da Lapa, Boris Nikto recebe a visita de uma prostituta de cerca de dez anos, enviada pelo proprietário, velho conhecido do protagonista. Depois de trocarem algumas palavras, a menina pergunta-lhe se a achara bela. Boris responde: “Oui, *Linda*, je te trouve comme ton nom, *très jolie*” (Kokis, 1996, p. 304, grifo nosso). Encontramos aqui um procedimento de explicitação que esclarece o leitor francófono acerca do sentido do nome próprio que, de outro modo, não seria compreendido. Kokis procede a uma “transferência de sentido”, como sugere Ballard, indo na contramão da tendência a se tomar o nome próprio como uma unidade lingüística destituída de sentido. Ao fim do encontro em que os personagens apenas conversam, a menina, antes

de sair, oferece os serviços de seu irmão mais novo. Diante da surpresa de Boris em saber que Linda tinha um irmão caçula, aquela lhe informa: “— Oui, il est petit et très propre. Il s’appelle *Cassula*”. (Kokis, 1996, p. 306, grifo nosso). Embora possamos estranhar que o nome comum “caçula” seja utilizado como patronímico (atente-se para a mudança da grafia) e que talvez fosse melhor considerá-lo, neste contexto, como um apelido carinhoso; nós, leitores de língua portuguesa, encontramos no nome do irmão menor de Linda um eco da pergunta de Boris: “— Tu as un petit frère?” Pouco importa se, para o leitor francófono, “Cassula” mantenha seu coeficiente de intraduzibilidade, o fato é que o leitor brasileiro de francês suporta, aqui, o *double bind*, a tradução recíproca, do francês para o português (“petit frère” → “irmão menor” → “Cassula” → “caçula”), a partir do vínculo estabelecido pela escrita tradutória de Kokis no interior do francês (“petit frère → “Cassula”).

Conclusão

A questão da tradução e da escrita em língua estrangeira, com seus enxertos e transbordamentos lingüísticos, suscita um vivo debate entre a crítica, que aponta para a complexidade inerente à operação traduzinte, mais particularmente no âmbito do texto híbrido. Este texto, ao promover descentramentos e desterritorializações, convoca uma série de saberes ligados a cartografias imaginárias, línguas e culturas estrangeiras, que são, de certa forma, “traduzidas” para o público a que se destinam. O *corpus* kokisiano se apresenta, pois, como um objeto instigante para o pesquisador brasileiro, uma vez que atualiza uma série de questões envolvendo língua, escrita, literatura e tradução. Ao recriar, por meio da ficção, uma realidade estrangeira num idioma estrangeiro, no caso o francês, o autor acaba por forçar este último a negociar entre registros e imaginários “traduzidos”, pon-do em xeque a “transparência” da língua e da tradução, através do recurso à opacidade de uma escrita desterritorializada pelos “filtros” da cultura. Deste modo, os textos por nós estudados problematizam, ainda mais, os discursos construídos em torno das relações entre a literatura, a língua e a identidade “nacional” de uma dada comunidade lingüística.

Referências Bibliográficas

- [1] BALLARD, Michel. “La traduction du nom propre comme négociation”, in: PALIMPSESTES N. 11: *Traduire la Culture*. Revue du Centre de recherche en traduction et communication transculturelle anglais-français / français-anglais. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1998, p. 199-223.
- [2] BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”, in: *Cadernos do Mestrado*, n.1, 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: UERJ, 1994 (trad. Karlheinz Barck).
- [3] DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- [4] FIGUEIREDO, Eurídice. “Sérgio Kokis: imagens do Brasil na literatura canadense”, in: _____ & SANTOS, Eloína Prati dos (orgs.). *Recortes transculturais*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 1997, p. 47-63.

- [5] _____. “Paisagens brasileiras na literatura do Quebec”, in: PORTO, Maria Bernadette Velloso. (org.). *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EDUFF/ABECAN, 2000, p. 81-103.
- [6] _____. “Sergio Kokis: exil et nomadisme, violence et abjection”, in: GAUVIN, Lise & BERTRAND, Jean-Pierre (dir.). *Littératures mineures en langue majeure: Québec/Wallonie-Bruxelles*. Bruxelles: Presses Internationales Européennes; Montréal: Les Presses de l’Université de Montréal, 2003.
- [7] GAUVIN, Lise. *L’écrivain francophone à la croisée des langues: Entretiens*. Paris: Éditions Karthala, 1997.
- [8] KOKIS, Sergio. *Le pavillon des miroirs*. Montréal: XYZ, 1994. (Romanichels)
- [9] _____. *Negão et Doralice*. Montréal: XYZ, 1995.
- [10] _____. *Errances*. Montréal: XYZ, 1996.
- [11] MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.
- [12] MOISAN, Clément & HILDEBRAND, Renate. *Ces étrangers du dedans: une histoire de l’écriture migrante au Québec (1937-1997)*. Montréal: Nota Bene, 2001.
- [13] NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a Literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da Desconstrução*. Niterói: EdUFF, 1999. (Coleção Ensaios; 14)
- [14] OTTONI, Paulo. *Tradução manifesta: double bind & acontecimento, seguido de Fidelidade a Mais de Um: merecer herdar onde a genealogia falta, de Jacques Derrida*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005.
- [15] SIMON, Sherry. *La trafic des langues: Traduction et culture dans la littérature québécoise*. Montréal: Boréal, 1994.

¹**Autor**

Renato VENÂNCIO HENRIQUES DE SOUSA, Prof. Dr.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
E-Mail: rvhsousa@uol.com.br